

POLÍTICA

ALÉM DA NOTÍCIA

Sarney se liberta

Na madrugada de hoje, um ano atrás, o vice-presidente José Sarney dormiu muito pouco, um nada para não chegar ao Congresso Nacional, às 9 horas da manhã, de olhos vermelhos — misto de choro e vigília —, para sua posse na Presidência da República. Na República que se instalava, ninguém dormiu sossegadamente: as reuniões atravessaram a madrugada, o Itamarati, febricitante, alterou todo o cerimonial da festa que hoje à noite recepcionará as delegações estrangeiras.

O vice-presidente norte-americano George Bush surpreendeu-se com a calma com que foi acertado o contrato de posse de Sarney. Não parecia em nada uma republiqueta latino-americana — era afinal um país grande, que superava a crise mais traumática da história republicana sem uma gota de sangue, sem desonra à Constituição.

O automóvel Rolls-Royce que levará Sarney de seu apartamento na 309 Sul até o Congresso, nessa hora está carregando o vice-presidente que tomará posse na Presidência, e que não sabe que amanhã e depois da amanhã alguns críticos irão julgá-lo como um interino, um tibio, um egresso do PDS que não tem legitimidade para assumir o poder.

Artigos serão escritos nos jornais para chamá-lo de fraco. Nos dias que se seguirão a hoje, o presidente em exercício ganhará esse batismo de restrição. Tancredo Neves, pelos boletins do Hospital de Base, recupera-se cada vez mais. O Palácio do Jaburu é um semideserto de homens e de idéias — todos estão na vigília do hospital. Apenas uns 10 estão ao lado de Sarney — Marco Maciel, Aluizio Alves, José Aparecido de Oliveira, Carlos Alberto Madeira, o general Albérico Barroso, Abreu Sodré, Marcos Vilaça, o genro Jorge Murad, o jornalista Fernando César Mesquita.

O PMDB exercita suas prestidigitatórias de poder na residência de Ulysses Guimarães, na Península: será que vai demorar a recuperação de Tancredo? Não foi um erro o reconhecimento tão cabal de que se deveria dar posse ao vice-presidente? E agora, José?

O Jaburu será um cenário digno para um drama coletivo: de lá, sede do poder em exercício, nada emana a salientar gestos ou atos permanentes — Sarney tem pressa de voltar ao lugar que a História lhe reservara.

Mas, afinal, o destino é maior que a História — daqui a uma semana, Tancredo irá escrever uma carta a Sarney para enaltecer sua dignidade e seu sentido ético nesses dias ocupando a Presidência. Terá um presságio que lhe esfriará a espinha: Tancredo chamou-o de "Presidente Sarney".

Na noite de 21 de abril, vai sair do Jaburu para sua fala à Nação, emocionado e tenso. E não começará logo a governar, pois os funerais, a missa de 7º dia e o grande vazio de Tancredo ainda lhe tirarão um ou dois meses de autonomia para governar. Muitos o julgarão um interino vitalício. As diretas já se levantarão, com os ventos dos pampas. Será o meio de ano e nada terá acontecido ao País.

O Presidente reservará para depois o reencontro com seu destino. De hoje às vésperas de seu primeiro ano de Governo, mudará a fisionomia do País com uma revogação do modelo econômico por decreto consentido com a Nação. Em 15 de março de 86, Sarney se sentirá um homem livre.

LEONARDO MOTA NETO

A volta por cima

José Sarney completa hoje um ano na Presidência da República, gozando de uma popularidade de que poucos gozaram neste País. De aliado malsinado do PMDB, logo após a reforma ministerial que retirou a posição predominante desse partido e de seu presidente, Ulysses Guimarães, Sarney é encarado hoje como o maior líder político do País tal a popularidade que conquistou com as recentes reformas na política econômica do Governo.

Ainda é uma incógnita se o País sairá ou não da crise, mas é irrecusável que o Governo adotou uma medida corajosa atraindo o apoio da Nação inteira. Ainda existem problemas, numa alternativa dessa complexidade e importância, mas o Presidente reacendeu as esperanças da Nação em sair do sufoco provocado por uma inflação que ameaçava chegar aos 500 por cento este ano.

O pacote é considerado sofisticado e flexível em sua variada aplicação por um economista insuspeito como o senador Roberto Campos. Há dúvidas e preocupações. Com o sistema bancário privado, por exemplo. Um dos maiores bancos desse setor tem prejuízo mensal de um trilhão e outro que lhe segue logo atrás no ranking cerca de 700 milhões — falando em moeda antiga.

Enquanto não é possível fazer o balanço dos resultados positivos do pacote (calcula-se que isso poderá ser feito, pelo menos, em três meses), não se pode ignorar os avanços obtidos pela Nova República, principalmente no campo institucional e no das liberdades públicas. Hoje o Brasil respira clima de absoluta liberdade.

A política econômica já reflete esse clima. Ela já não é fixada por duas ou três pessoas, como aos tempos de Delfim Netto. A Nação inteira discute, em detalhes, complexas questões econômicas, de tal forma que alguém se lembrava no Congresso de que não somos apenas 130 milhões de técnicos de futebol, mas também 130 milhões de economistas.

Restabeleceu-se a tradição da eleição direta na escolha de todos os governantes, inclusive do Presidente da República. Tivemos a eleição dos prefeitos de capitais, a organização partidária foi libertada das amarras casuísticas criadas pelo regime militar e aí estão funcionando livremente os dois principais partidos comunistas.

Os brasileiros melhoraram seu padrão de consumo, aumentaram seu poder aquisitivo. Os trabalhadores conquistaram o seguro-desemprego, que ainda não é o ideal, mas já constitui um passo civilizado, existe a escala móvel de salários e o Governo praticamente entregou ao povo a tarefa de fiscalização dos preços.

Em síntese, o País mudou radicalmente de face. O Palácio do Planalto, símbolo do poder central, já não é a casamata inexpugnável em que foi transformado durante o regime militar. Os jornalistas e os visitantes podem transitar desembaraçadamente pelas suas dependências sem o risco de sofrer constrangimentos.

O Congresso Nacional voltou a ser a grande caixa de ressonância da Nação, ainda que institucionalmente continue privado de suas principais prerrogativas. Marchamos para a Assembleia Nacional Constituinte que nos devolverá um modelo de Constituição adequado a países que praticam civilizadas democracias. Acabou-se a era do deixa que eu chuto na vida pública brasileira.

TARCISIO HOLANDA